

ENSINO DE FILOSOFIA COMO EXERCÍCIO DO PENSAR: A PARTIR DA FÉ – RAZÃO

*Roberto Menezes de Castro**

Por vezes observamos que o ensino de filosofia nos é apresentado somente como transmissão de conteúdos históricos dos filósofos e não como norteador de uma filosofia que leve o discente ao exercício do pensar sua própria existência a partir da sua vivência com temas do seu dia a dia e de sua relação com o mundo e com tudo que o rodeia.

É notório que a Filosofia é sempre racionalista, dessa forma, porque não refleti-la também dentro do contexto da fé? Para causar esse embate entre a fé e a razão, trazemos a tona o filósofo dinamarquês Soren Aabye Kierkegaard que trabalhou majestosamente como existencialista esse tema e também as nossas filosofas brasileiras Marcia Tiburi e Viviane Mosé que muito bem abordam temas filosóficos do cotidiano e relacionados a nossa existência como seres nesse mundo, refletindo a vida, seus anseios e os porquês da existência.

A temática existencial é impertinente e significativa para o ensino de filosofia, para a religião e por ter sido abordada por diversos filósofos, tornando-se um tema contemporâneo e desafiador. Sem dúvida tem relevância no processo de ensino-aprendizagem, nas andanças de cada um de nós e no discurso do homem que existencialmente trilha na busca incessante do conhecimento.

Nesse sentido os elementos de conexão entre ensino, pensamento, existência, fé e razão devem vir numa visão crítica existencial e narrativa da fé e da razão humana, trabalhadas através do ensino que deve nos levar ao conhecimento como indicador da própria existência e com essas possibilidades transcorrer esse trajeto estando aberto a acolher o que os filósofos nos apresentam, estando atento a escuta do outro e enveredando-se na viagem do aprendizado, respeitando todos os conceitos vislumbrados e abraçando o que possa vier a enobrecer o percurso.

Investigar a Filosofia como exercício de entender a própria existência e dentro de uma análise da fé e da razão a partir do filósofo Kierkegaard, pode parecer simples numa primeira visão por ele ter escrito sobre esse tema, mas, podemos perceber que essa abordagem pode nos levar a labirintos e meandros muito mais possíveis de confundir do que de aclarar as ideias, pois, mergulharemos em um universo de sobras e luzes de um tema com diversos vieses.

Logo de início vem o querer trilhar no mundo encantador da Filosofia, e com esses desejos aflora os questionamentos oriundos da Filosofia. O que realmente é Filosofia e quais seus fundamentos? Como a busca pelo conhecimento filosófico e não puramente dos filósofos poderia ajudar na compreensão da nossa própria existência humana? De que maneira a fé e a razão poderia influenciar e contribuir para o aprofundamento desses questionamentos e dessa procura existencial? Conseguem a fé e a razão responder nossos reais anseios e indagações?

Nesse eterno caminhar existencial e desejo de se descobrir, o ser humano sem dúvida vislumbra por diversas vezes um sentido não somente para si, mas, também para o existir do outro. A pergunta é: como o conhecimento filosófico existencial frente a fé e a razão podem ser um exercício para compreender quem somos e qual nossa contribuição no mundo que nos cerca?

* Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida – Vitória ES.

Na verdade a filosofia não quer nem uma dessas respostas prontas e totalmente respondidas, mas, pretende estar aberta a ouvir, debater e invadir nosso pensar com seu senso crítico e desbravador; vendo e atenta ao sentido pleno de como olhar e pensar a vida dentro do nosso olhar e respeitando o olhar do outro, e como diz Marcia Tiburi:

É preciso hoje pensar não apenas o que vemos, mas, como vemos. A velha questão sobre forma e conteúdo vale também aqui. O ‘como vejo’, tanto quanto o ‘como penso’ ou ‘como ajo’, define meu lugar, meu papel como sujeito, ou seja, alguém capaz de consciência sobre sua vida.¹

A fé que é marcada por sua contínua movimentação e dinamicidade, a razão que se dá paradoxalmente e o ensino de Filosofia que abre horizontes para o aprendizado e o pensamento crítico e cheio de possibilidades. O ensino, a fé e a razão como fios condutores irrecusáveis para existência humana, devem ser orientadores na conduta investigativa de uma nobre argumentação que passeia por cada um destes setores.

Partindo para uma contextualização, sabemos que a Filosofia por muitos anos no Brasil foi colocada sobre as sombras de um contexto ditatorial que impedia que os jovens pensassem de uma forma livre sobre o mundo, sobre a sociedade em que viviam e sobre sua própria importância existencial no meio que estavam inseridos. Pensar e falar o que se pensa é um desafio até hoje, porém, se faz necessário nos tempos atuais pensar, falar o que se pensa e tentar dar um sentido a nosso ser no mundo. Nesse encaixe é que tentamos encaminhar um sonho do ensino de Filosofia que seja voltado para o autoconhecimento numa perspectiva existencialista a partir do filósofo Kierkegaard que tão sabiamente nos apresenta uma Filosofia existencial, nos fazendo mergulhar numa reflexão através da fé e da razão.

Nesse intuito, queremos referenciar alguns textos de livros sobre ensino de Filosofia, sobre fé e razão, entre inúmeros que já foram elaborados. Assim, abraçando o pensamento do filósofo Kierkegaard, acolhemos um dos maiores pensadores contemporâneos que trabalhou com entusiasmo a filosofia existencialista e investigativa nos dando uma enorme contribuição filosófica.

Segundo Gouveia, em *Temor e Tremor*, Kierkegaard nos afirma que precisamos viver a “a fé sem âncoras, razão sem soberba e repetição e redenção sem limites”².

Pra Farago a fé é a mais elevada forma de vida, é o encontro com seu ser finito com o infinito, diz ele:

A fé é o ardor íntimo totalmente irreduzível a uma criação que vai desafiando seus complementos de objetos diretos destinados à exterioridade onde o Espírito permanece estranho a si mesmo. A certeza interior, certeza existencial, não objetiva é própria da fé que é apreensão ao conceitual da própria lei do devir da criação. A fé é paixão perseverante da existência no tempo. Vivificando a nossa condição de liberdade em devir no tempo, a irrupção no eterno abre o futuro para o existente em sua paixão, em sua paciência, em sua perseverança.³

Na reflexão de Le Blanc, a fé e a razão são demonstradas em um paradoxo, e assim, a fé parte da certeza subjetiva do indivíduo que deseja ser. Dessa forma a razão é limitada frente ao paradoxo é “um conhecimento, não é uma concessão lógica, é antes uma categoria, ou seja, uma estrutura que atribui uma forma particular a um conceito”⁴.

Nesse embate entre fé e razão os discentes ao se encantarem com a razão que tudo critica, questiona e investiga, se deparam também com sua existência no mundo e com tudo que o mundo possa oferecer e representar. Na procura de compreender a existência ele se depara com a fé e percebe esse paradoxo que o desafia a perceber que a fé é algo a ser cada vez mais explorada e que

¹ TIBURI, Marcia, *Filosofia Pop- Poder e Biopoder*. São Paulo: Bregantini, 2011. p. 18.

² GOVÊA, Ricardo Quadros. *A palavra e o silêncio. Kierkegaard e a relação dialética entre a razão e a fé em temor e tremor*. São Paulo: Custom/Alfarrábio, 2002. p. 200.

³ FARAGO, France. *Compreender Kierkegaard*. São Paulo: Vozes, 2005. p. 173.

⁴ LE BLANC, Charles. *Kierkegaard*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003. p. 102.

sua existência não só se consolida nas razões da vida, mas, também no mergulhar da fé. Segundo o filósofo Kierkegaard

Explicar o paradoxo significaria assim compreender mais profundamente o que é um paradoxo e que o paradoxo é o paradoxo. Deus é uma representação suprema que não se pode explicar por algo diferente, mas somente pelo fato de aprofundar-se a si mesmo nesta representação. Os mais altos princípios de todo pensamento não podem ser provados senão indiretamente. Suponhamos que o paradoxo seja assim o limite para a relação de um ser existente com uma verdade eterna essencial, então o paradoxo não poderá ademais ser explicado por algo diferente se a explicação deve ser válida para seres existentes.⁵

Viviane Moser sabiamente vem nos abrir o horizonte de uma escola que esteja aberta a ouvir seu discente, uma escola de porta e pensamento abertos a acolher a Filosofia para a vida, por isso ela no convoca dizendo:

[...] Estimular a curiosidade, valorizar a dúvida, promover o acesso aos conteúdos, oferecer métodos de filtragem de dados, incentivar a pesquisa, a criação e a síntese, a capacidade de produzir interpretações, bem como incentivar o desenvolvimento da autonomia e de responsabilidade, acoplados a capacidade de viver em grupo, são algumas das necessidades prementes em nosso mundo.⁶

Já Marcia Tiburi nos convida a buscar um pensamento do mundo e de si mesmo que não queira resolver todos os problemas de conhecimento e saídas para o mundo, mas, que esteja ciente da necessidade de se estar trilhando sempre no indicativo da uma eterna busca. Seguindo esse itinerário que ela nos propõe, notamos ser impensável está constantemente refletindo nosso ser na sociedade e em tudo que realizamos, nos propomos e somos. E ela, Marcia Tiburi nos diz:

Queremos resolver tudo pelo conhecimento, mas esquecemos de pensar que o conhecimento é uma saída que deve servir a algo mais do que o mero progresso da ciência. O conhecimento como potencial de saída da infelicidade, mesmo que tenha nascido dela. Se alguém busca conhecer a si é porque deve pretender com isso ser feliz. Ser feliz é mais ético e mais bonito do que apenas buscar a si mesmo como uma verdade absoluta. Sobre esta verdade de si ninguém tem garantia. A verdade não deve ser uma ilusão da resposta, mas a busca.⁷

Nessa procura argumentativa do ensino de Filosofia, da fé e da razão, sabemos dos desafios a serem enfrentados, todavia, o pensar vem como auxílio na certeza de nos dá o contorno necessário as reflexões oriundas destes questionamentos. A filosofia, seu ensino, a fé e a razão sempre nos mostrarão como se faz urgente se pensar a partir da existência, do anseio de liberdade e conhecimento, do desejo de inovar, de provocar mudanças e transformações.

REFERÊNCIAS

FARAGO, France. *Compreender Kierkegaard*. São Paulo: Vozes, 2005. p. 173.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. *A palavra e o silêncio. Kierkegaard e a relação dialética entre a razão e a fé em temor e tremor*. São Paulo: Custom/Alfarrábio, 2002.

KIERKEGAARD, Sören. *Temor e tremor*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

⁵ KIERKEGAARD, S.A. *Textos selecionados*. Trad. e notas de Ernani Reichmann. Reimpressão. Curitiba: UFPR, 2001. p. 248.

⁶ MOSER, Viviane. *A Escola e Desafios Contemporâneos*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2013. p. 61.

⁷ TIBURI, Marcia. *Citações e referências a documentos eletrônicos*. Disponível em: <<http://www.marciatiburi.com.br/textos/saberesofrer.htm>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

KIERKEGAARD, S.A. *Textos selecionados*. Trad. e notas de Ernani Reichmann. Reimpressão. Curitiba: UFPR, 2001.

LE BLANC, Charles. *Kierkegaard*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

MOSER, Viviane. *A Escola e Desafios Contemporâneos*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2013.

TIBURI, Marcia, *Filosofia Prática- Ética, Vida Cotidiana, Vida Virtual*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

TIBURI, Marcia. *Citações e referências a documentos eletrônicos*. Disponível em: <<http://www.marciatiburi.com.br/textos/saberesofrer.htm>>. Acesso em: 28 abr. 2017.